

Título A dança da solidão
Data 2016
Publicação *Marina Rheingantz: Dot line Line dot*. Tokyo: Nichido Contemporary Art, 2016.

Autor Nuno Ramos
Artista Marina Rheingantz

A dança da solidão

Quase tudo nessa pintura parece distante. É este o seu elemento primordial, uma placenta gentil que guarda lá longe o que o trabalho vai aos poucos colecionando. Piscinas, trailers, cadeiras, arbustos, traves de futebol, pontuam uma massa de céu, de nuvem, chão insólito ou mar, onde, mais do que apoiar-se, bóiam. Por isso, num sentido genérico e profundo, Guignard está no coração da pintura de Marina, com seu jardim chinês, sua neblina difusa, suas igrejinhas mineiras, que dão escala àquela suspensão que foge e foge de nós.

A percepção aqui parece em fuga, como se nosso olho viajasse nas costas de uma ave. Mais do que paisagens, no sentido cézanneano (uma negociação minuciosa, e sempre sólida, entre o perto e o longe, o aparecer e o desaparecer), há em Marina (como em Diebenkorn) *vistas aéreas*, já de início tomadas desde o alto de um rochedo. Por isso, lá embaixo, as coisas parecem naturalmente separadas, como se fosse essa a sua condição original. Apesar de certa doçura de fundo, acho que é na solidão que querem estar, cantando baixinho seu nome, sua cor, seu formato, algo desconectadas daquilo que as cerca. O brilho da estrelinha, a folha que não acabou de cair, estão banhadas nesse todo disperso e inconcluso.

É essencial, então, certa desmesura entre a escala do espaço, o fluxo intenso das linhas de fuga, a luz que projeta o olhar para trás, e a família de seres, os substantivos, as formiguinhas que vamos encontrando. Há poucos primeiros planos, e quando aparecem – os cobogós vermelhos ou amarelos, por exemplo – são semiabstratos, como que vedações que intensificam a potência do que está longe, atrás deles, passando por suas frestas. O primeiro plano é apenas isso, a camada de entrada da grande placenta, que valoriza o que vai atrás.

Pois é banhado no grande oceano ou grande coral ou grande placenta ou grande nebulosa ou grande teatro do mundo que as *coisas* estão. Gosto especialmente das pinturas em que há essas coisas, pequenos filhotes de ser, simpáticas mercadorias durando ali, entre a quietude e o despropósito, esperando não se sabe bem pelo quê. Sozinhas, pois sem eco, sem proporção com seu entorno – o que fazem afinal quatro cadeiras vazias diante do mar? Sozinhas, pois não parecem querer nada. Durar, talvez.

Nesse sentido, há uma força contraposta aqui, vinda destes pequenos seres, uma coleção ou retalhos de um caderno que impulsionam a variação cotidiana das pinturas, como um anzol que fisgasse cada quadro – certa poética do concreto que ocupava o centro do trabalho de Marina e que foi aos poucos sendo vazada pela placenta distante de que tratei até aqui. Enquanto o ponto de vista subia, enquanto o pássaro carregava o olho nas costas, as coisas foram perdendo seu peso de origem, das aulas de Paulo Pasta, morandiano e sóbrio. A tentação seria transformá-las em signo, em código, em linguagem. De certa forma, é essa a tentação da geração de Marina e da pintura brasileira recente como um todo – certa disjunção, à Richter ou à Tuymans, entre o quadro singular e o estilo do artista, que tiraria o peso de cada quadro. O estilo, como uma enorme instituição, oferece aqui, desde sempre, um quantum de variação a que cada unidade obedece. Em certo sentido, o artista passa a ser o curador de sua própria potência, disciplinando-a pacientemente, como quem dirige um ator.

A pintura, nesses artistas, é antes de mais nada uma pasta protéica, pronta para receber qualquer determinação – foca, leão, água (refiro-me à cena famosa da Odisséia, em que Menelau segura com todas as forças um deus Proteu

Título	A dança da solidão	Autor	Nuno Ramos
Data	2016	Artista	Marina Rheingantz
Publicação	Marina Rheingantz: <i>Dot line Line dot</i> . Tokyo: Nichido Contemporary Art, 2016.		

que vira um leão barbudo, uma serpente, um leopardo e um enorme javali; vira até mesmo água molhada e uma árvore de altas folhas (Canto IV)). No trabalho de Richter, a fotografia e a pintura chegam a trocar de lugar, numa indeterminação de base, fundamental – mas também a história da arte e o presente, a abstração e a figuração, a expressão e a frieza, o político e o apolítico. O resultado é um enorme elemento neutro, um espaço de negociação onde todos falam baixo, uma babel disciplinada, zelosa de seus efeitos e ciente de si – um superego, em suma, algo monstruoso e impassível, como uma multidão de Drs. Spocks trocando mensagens telepáticas. Em Tuymans, à diferença de Richter, este neutro parece juntar-se novamente a certo lirismo, criando uma poética ainda mais estranha – um eu exilado que vai pacientemente cobrindo cada imagem (dos horrores do Congo belga a decorações natalinas) com suas marcas impassíveis. E mantendo, com essa impassibilidade, igual distância de todo e qualquer impulso, motivo, registro. Cada quadro de Tuymans é, por assim dizer, a conquista pungente desse afastamento.

Acho que grande parte da nova pintura brasileira achou nesse viés um veio verdadeiro de ambição e potência. As questões expressivas, de certa fidelidade e ancoragem subjetiva, que ainda regiam minha geração, foram postas para fora da sala sem deixar saudades. São pintores que num certo sentido *podem* muito, e a infinita disponibilidade dos motivos, semelhante à dos estilos, faz parte desse poder – podem ser *cartoon*, podem ser Manet, podem fazer o retrato de uma vaca, descobrir o brilho lilás da asa quebrada de uma xícara, sem que realmente criem dissonância nem paródia. Sintonizar certo arbítrio e fragilidade nesse poder-querer, tornar visível esse território neutro onde se apóia e espalha, constituem talvez o desafio e o espaço de conquista desse projeto.

Vejo também em Marina a presença desse neutro – no uso da fotografia sem emoção no clic, na indiferenciação entre motivos e grafias, na equalização esporádica entre a potência mimética e a réplica de um signo. Mas percebo em seu trabalho um esforço comovente de unidade, de retorno a si, que o singulariza. Há uma escala nas coisas, uma luz de fundo, uma fluidez de pincelada que são dela; há justamente, e o tempo todo, uma espécie de retorno aqui, como se o mar-nuvem-maré que tudo pega e faz boiar também tudo devolvesse, num ciclo. Neste sentido, talvez o lirismo nórdico, à Munch, de Peter Doig, ofereça o veio mais interessante à sua frente. Há em Doig certo *encantamento* quase kitsch, como ilustrações de um conto de fadas, que interessa ao trabalho de Marina.

A volição em Marina é, justamente, a faculdade em crise. Apesar de tão novo, seu trabalho parece já cansado de querer, de ter escolhas. Seria importante, sem ser ingênuo, alcançar certa fatalidade de soluções e de procuras, numa negociação *para menos* com a enorme disponibilidade ao seu redor – em toda parte, uma imagem; em cada imagem um nome; em cada nome, um estilo; em cada estilo, um autor; em cada autor, uma biografia; em cada biografia, uma época; em cada época, uma história; em cada história, uma versão; em cada versão, uma imagem. Como deter esse fluxo sem fim, como uma boneca russa em loop, que quando atingisse a menor unidade fosse ficando grande novamente, onde tudo leva a tudo e cada pedaço de tudo já está cheio de si e por si mesmo povoado?

Quem sabe isolando um pouco as coisas? Dando respiro a elas, soprando ar, luz, tinta ao seu redor? Se ninguém sabe mais o que é foto e o que é pintura; se o virtuose e o ingênuo ficaram parecidos; se a pintura barroca holandesa e a tatuagem de uma tribo neozelandesa pertencem a um único estilo; se tudo é fluxo sem pausa nem nome, música cacofônica infinitamente modulada, para que não incomode a ninguém, então peraí. Calma. Vamos colocar um trailer no meio de um trigal? Uma delicada cortina, quase uma teia de aranha, numa noite estrelada, ou festa de São João?

Título	A dança da solidão	Autor	Nuno Ramos
Data	2016	Artista	Marina Rheingantz
Publicação	<i>Marina Rheingantz: Dot line Line dot.</i> Tokyo: Nichido Contemporary Art, 2016.		

Vamos deixar que cada coisa durma separada e ver o que acontece quando estão sozinhas? E, no final, pô-las pra dançar?

– *Dançar o quê?*

– A dança da solidão.